

ACT CONTINUA A BUSCAR DOAÇÕES PARA COMPRA DE CADEIRA DE RODAS PARA JOSÉ CARLOS CARNEIRO

A Aliança de Controle do Tabagismo – ACT continua a receber doações para comprar uma nova cadeira de rodas para o aposentado José Carlos Carneiro, que teve suas pernas amputadas devido a tromboangeíte obliterante, doença cuja causa é o tabagismo.

Ele ficou conhecido em todo o país ao ter sua imagem estampada nas primeiras advertências sanitárias dos maços de cigarros, em 2004, e virou um símbolo das campanhas antitabagismo.

Uma cadeira de rodas elétrica está em torno de R\$ 7 mil. Na campanha da ACT, pode-se doar qualquer valor e doações acima de R\$ 50,00 têm direito a uma camiseta “Largue o Cigarro Correndo” ou “Diga Não à Propaganda de Cigarros”.

Acesse a campanha em <http://www.actbr.org.br/comunicacao/campanha-ze-carlos.asp> e participe.

QUE RESPONSABILIDADE SOCIAL É ESSA?

Ex-trabalhador da área de segurança, aposentado por invalidez permanente aos 45 anos e recebendo um salário mínimo mensal, José Carlos fumava desde a adolescência, como acontece com 90% dos fumantes: *“Fumava de brincadeira, quando vi estava viciado no cigarro, mas não sabia que era dependente químico. Depois desse começo, passei a fumar um maço por dia de Continental sem filtro”*.

Em 1976, aos 30 anos, começou a sentir os pés dormentes, mas nenhum médico diagnosticou a doença. Aliás, ninguém fazia uma pergunta básica: se ele era fumante. Em 1981, finalmente teve o diagnóstico de tromboangeíte obliterante, quando formam-se coágulos nas artérias, impedindo a circulação sanguínea e cuja causa é o tabagismo. O membro atingido passa a ter isquemia, ou seja, morte dos tecidos por falta de circulação. Por isso, José Carlos teve que amputar a perna direita.

Com a volta para casa, bateu uma depressão: *“Fiquei profundamente deprimido. Tinha parado de fumar durante a internação e nessa época voltei a fumar pesado, uns três maços por dia”*.

Em 1983, a perna esquerda começou a apresentar os mesmos problemas e também teve que ser amputada.

Em 1998, José Carlos entrou com um processo contra a Souza Cruz, empresa fabricante da marca Continental, pedindo uma indenização por danos morais e materiais.

A Souza Cruz alegou que a culpa era exclusiva de José Carlos e ganhou o processo.

A empresa, que investe em ações chamadas de responsabilidade social, não reconheceu que sempre fez propaganda visando iniciar os jovens no tabagismo, como foi o caso de José Carlos, ou que nunca informou sobre os riscos do tabagismo, incluindo-se a tromboangeíte obliterante.

Aliás, mesmo com a recente proibição da publicidade em TV, revistas e jornais, as fabricantes de cigarros migraram seus investimentos em publicidade para outras mídias. Além dos mais de 350 mil pontos de venda espalhados por lojas de conveniência, supermercados, bancas de jornal, padarias e até cabeleireiros, também foram criados outros em milhares de eventos culturais e esportivos espalhados por todo o país.

Outra estratégia para aumentar a atratividade dos cigarros é a adição de sabores e aromas como chocolate, baunilha, morango, menta, entre outros, que o tornam mais palatável.

Uma vez adaptada à nova realidade de propaganda nos pontos de vendas, com embalagens atrativas e cigarros com sabores, as fabricantes de cigarros voltaram aos seus antigos patamares de faturamento, reinventaram-se em termos de propaganda e passaram a investir em sua imagem institucional através de ações convenientemente denominadas de “responsabilidade social”.

A história de José Carlos está disponível no vídeo produzido pelo cineasta Rodrigo Gontijo, em <http://www.youtube.com/watch?v=s2TbaLpXuZc>

Para mais informações, entre em contato com nossa assessoria de imprensa:

São Paulo

Acontece Comunicação
Chico Damaso ou Monica Kulcsar
(11) 3873-6083 / 3871-2331
acontece@acontecenoticias.com.br
chicoacontece@uol.com.br

Rio de Janeiro

Anna Monteiro
(21) 3311-5640 / 8152-8077
Anna.monteiro@actbr.org.br